

DESDOBRAMENTOS, CRIAÇÕES E DESCOBERTAS COM AS NARRATIVAS DE CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS

DEVELOPMENTS, CREATIONS AND DISCOVERIES WITH THE NARRATIVES OF CHILDREN, YOUNG PEOPLE AND ADULTS

DESARROLLOS, CREACIONES Y DESCUBRIMIENTOS CON LAS NARRACIONES DE NIÑOS, JÓVENES Y ADULTOS

Rita Tatiana Cardoso Erbs¹

Júlia Cristina de Almeida Braz²

Orizeni Vaz Martins³

RESUMO

O texto analisa produções de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão, na Linha de Pesquisa História da Educação, Políticas Educacionais e Pesquisa (Auto)Biográfica. Em 2016, a linha incorporou a Pesquisa (Auto)Biográfica, possibilitando a entrada da pesquisadora e o desenvolvimento de estudos voltados às narrativas de crianças, jovens e adultos. Os projetos incluíram: percepções infantis em “Percepções na escola da roça: narrativas de crianças”; a perspectiva de jovens sobre o ensino integral em “O tempo integral na perspectiva dos alunos do ensino médio”; e memórias de infância de professores em “Sentidos de infância e(m) risco: experiências e memórias de professores(as)”. Esses estudos inauguraram Pesquisas (Auto)Biográficas na linha, revelando a riqueza das vozes infantis, as tensões juvenis diante de uma rotina escolar controladora e a complexidade das memórias adultas, onde os riscos enfrentados na infância ecoam na compreensão das experiências das crianças de hoje.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica; Narrativas de Crianças; Juventude.

ABSTRACT

The article analyzes master's degree productions of Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão, in the Research Field History of Education, Educational Policies and (Auto)Biographical Research. In 2016, the research field incorporated (Auto)Biographical Research, enabling the incorporation and development of studies focused on the narratives of children, young people and adults. Projects included: children's perceptions in "Perceptions in rural school: children's narratives"; young people's perspectives on full-time education in "Full-time education from the perspective of high school students"; and teachers' childhood memories in "Senses of childhood and risk: teachers' experiences and memories". These studies inaugurated (auto)biographical research in this field, revealing the richness of childhood voices, youthful tensions in a controlling school routine, and the complexity of adult memories, where risks faced in childhood resonate to understand the experiences of today's children.

Keywords: (Auto)biographical research; Children's narratives; Youth.

RESUMEN

El texto analiza producciones de maestría del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Catalão, en la Línea de Investigación Historia de la Educación, Políticas Educativas e Investigación (Auto)Biográfica. En 2016, la línea incorporó la Investigación (Auto)Biográfica, posibilitando la incorporación y el desarrollo de estudios centrados en las narrativas de niños, jóvenes y adultos. Los proyectos incluían: las percepciones de los niños en "Percepciones en la escuela rural: narrativas de los niños"; las perspectivas de los jóvenes sobre la educación a tiempo completo en "La educación a tiempo completo desde la perspectiva de los estudiantes de secundaria"; y los recuerdos de infancia de los profesores en "Sentidos de infancia y riesgo: experiencias y recuerdos de los profesores". Estos estudios inauguraron la investigación (auto)biográfica en este campo, revelando la riqueza de las voces infantiles, las tensiones juveniles frente a una rutina escolar controladora

¹ Universidade Federal de Catalão – UFCAT – Catalão – Goiás – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-6274-1678> – ritaerbs@gmail.edu.br

² Faculdades Integradas da América do Sul – FAC Integra – Caldas Novas – Goiás – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-6900-2368> – brazjc@gmail.com

³ Secretaria do Estado de Goiás – SEAD – Aparecida de Goiânia – Goiás – Brasil – <https://orcid.org/0000-0001-7040-7437> – orizeni.martins@gmail.com

y la complejidad de los recuerdos adultos, donde los riesgos afrontados en la infancia resuenan para comprender las experiencias de los niños de hoy.

Palabras clave: Investigación (auto)biográfica; Narrativas infantiles; Juventud.

Submetido para publicação: 9/9/2024

Aceito para publicação: 4/02/2025

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta e discute as produções de mestrado do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), da Linha de Pesquisa História da Educação, Políticas Educacionais e Pesquisa (Auto)Biográfica com o recorte da linha de pesquisa e da orientadora. O mestrado em Educação iniciou suas atividades em 2011 e em 2016 a linha de História da Educação e Políticas Educacionais teve uma alteração no seu nome e descritor, incluindo a Pesquisa (auto)biográfica no seu título e no seu fazer científico, refletindo uma ampliação em seu escopo e metodologia.

Nosso ingresso no programa em momentos distintos: primeiro a orientadora e, posteriormente, as alunas, todas com o objetivo de aprender e pesquisar no Paradigma (Auto)Biográfico. A partir de 2018 deu-se início a elaboração de três projetos dentro do paradigma supracitado. Essas pesquisas trouxeram desafios tanto para a linha de pesquisa e colegas quanto as pesquisadoras. As propostas envolviam a produção de narrativas em diferentes contextos: as percepções de crianças em "Percepções na escola da roça: Narrativas de Crianças"; a perspectiva de jovens em "O tempo integral na perspectiva dos alunos do ensino médio"; e as memórias de infância de professores em "Sentidos de infância e(m) risco: experiências e memórias de professores(as)". Com essa tríade, iniciamos os estudos sobre a Pesquisa (Auto)Biográfica e a produção de narrativas com crianças, jovens e adultos.

O primeiro estranhamento manifestado pelo grupo de alunos da linha foi em relação à escuta de crianças. Como conduzir uma pesquisa com crianças? O que elas teriam a dizer e de que maneira seria possível realizar entrevistas e produzir narrativas com esse público? Esses questionamentos fizeram a orientanda duvidar momentaneamente da viabilidade de seu projeto. A reação dos colegas e de alguns professores da linha gerou uma breve desmotivação, que rapidamente se transformou em empenho e dedicação às leituras sobre pesquisas com crianças. Esse estranhamento revelou uma perspectiva adultocêntrica, enraizada tanto nas práticas educativas quanto no convívio social. Embora, no discurso, a valorização das falas e experiências infantis seja comum, na prática, nossa percepção foi de que ouvir realmente as crianças e incluí-las como produtoras de saberes ainda gera desconforto.

Por outro lado, a pesquisa com jovens encontrou maior aceitação e adesão no grupo, em parte porque outra professora da linha trabalhava com o tema das juventudes. Na mesma turma de ingressantes de 2018, ela orientava o projeto “Torna-te! O processo de subjetivação das juventudes negras a partir de suas trajetórias escolares” (Carrijo, 2020). Assim, pesquisar com jovens parecia mais viável, embora também desafiante. Neste caso, a pesquisa abordava o impacto do ensino em tempo integral e do processo de militarização escolar, o que trouxe à tona a tensão entre a liberdade característica da juventude e a visão adultocêntrica de controle, disciplina e cerceamento.

A terceira proposta, igualmente desafiadora, instigou o grupo com os conceitos de tempo e memória. A pesquisa estabelecia como foco ouvir professores que, em sua infância, haviam vivido experiências de risco. O desafio estava em acessar esses “olhos de criança” com a maturidade de adultos, misturados à reconstrução de suas memórias. Esse duplo desafio — escutar tanto os adultos quanto as crianças que ainda habitavam neles — foi bem recebido pelo grupo, mas a evocação de memórias e o conceito de risco geraram questionamentos. A ideia de investigar os riscos vividos pelas crianças de hoje a partir das memórias das crianças de ontem trouxe uma camada complexa de análise, ressaltando as dificuldades de perceber tais riscos sem a releitura que as memórias possibilitam.

Com o anúncio dessas pesquisas no grupo, conseguimos perceber tanto nossas concepções sobre crianças, jovens e adultos quanto as formas de construção de narrativas para a Pesquisa (Auto)Biográfica. Cabe destacar que a participação no VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VIII CIPA) foi fundamental na consolidação dos temas, objetos e referenciais metodológicos das pesquisas apresentadas, além de contribuir de forma decisiva para o amadurecimento dessas pesquisas. A interação com outros pesquisadores, a publicação dos trabalhos e a vivência acadêmica proporcionaram uma validação coletiva que transformou a compreensão e a condução dos projetos. A experiência do congresso ressignificou as abordagens e conferiu nova força às investigações, especialmente no que diz respeito à produção de narrativas com diferentes sujeitos.

Dessa forma, o presente texto se propõe a discutir as transformações, descobertas e criações decorrentes desse processo, evidenciando como o grupo passou a construir narrativas no campo da Pesquisa (Auto)Biográfica a partir de perspectivas sensíveis e inclusivas. Embora os temas, objetos, locus e sujeitos das pesquisas tenham sido mantidos, a forma de produzir narrativas com crianças, jovens e adultos foi totalmente reorientada. Esses desdobramentos são o que buscamos apresentar neste texto.

O QUE AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA NA ROÇA TÊM A NOS DIZER

Realizar uma pesquisa com crianças em uma escola no interior de Goiás representou um duplo desafio. A dificuldade em captar e valorizar as percepções infantis, somada à interação com o contexto específico da escola, gerou estranhamento e resistência. No entanto, a orientanda Márcia Barbosa enfrentou essas barreiras com competência e desenvolveu a pesquisa "Percepções na escola da roça: Narrativas de Crianças" (Barbosa, 2020), trazendo à tona novas perspectivas sobre as vivências infantis.

Em *Os olhos de crianças*, de Tonucci (1997), tivemos a inspiração na trajetória com a escuta das crianças na educação infantil. Ao longo das transformações da pesquisa, pode-se perceber a transição de uma ideia de pesquisar “sobre” para uma efetiva pesquisa “com” crianças. Trata-se compreensão da importância da narrativa de crianças sobre a sua percepção do mundo e visão de um novo mundo possível. Isso significa viabilizar uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções, uma vez que a compreensão e a integração de seus dizeres sobrepostos aos dos adultos mostraram-se fundamentais na constituição da pesquisa. Sob este viés, percorreu-se caminhos imaginativos, fazendo travessias como os piratas até encontrar sua identidade própria. Esse percurso culminou com a inclusão da boneca de pano Luíza, que, como amiga e mediadora, desempenhou um papel essencial ao estimular e construir, junto com as crianças, as narrativas que deram vida ao estudo.

Para o alcance da linguagem das crianças foram preparadas oficinas de narrativas que envolveram os alunos(as) no universo da pesquisa. Tais oficinas foram feitas em etapas para melhor aproximação do contexto pesquisa/pesquisador(a) e compunham rodas de conversa, leituras literárias, fotografias, desenhos e produção textual. De acordo com Candau e Zenaide (1999) uma experiência de trabalho em grupo, caracteriza uma construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências.

Ao elaborarmos oficinas de narrativas, estratégias pedagógicas e lúdicas são gestadas. Surge uma personagem essencial no processo metodológico: uma boneca de pano que caracteriza a ludicidade e auxilia a composição apresentando o elo com a pesquisadora. Márcia Gizella Nunes Barbosa pensou em fazer uma boneca que fosse uma amiga assumindo o papel de mediadora durante o contato com as crianças. Neste caminho metodológico, o objetivo era envolver as crianças com afinidade à amiga de pano, que se tornou uma personagem valiosa para

que as narrativas surgissem de forma espontânea e amigáveis. O apoio da amiga, boneca de pano, favoreceu todo o percurso da pesquisa.

Para Barbosa (2020, p. 32):

As narrativas produzidas pelas crianças, durante cada etapa das Oficinas de Narrativas, foram de fundamental importância e no momento das análises, oportunizou, em diálogo com o que se produziu e o que se vivenciou trazendo uma aproximação para as perspectivas das crianças, auxiliando e aprofundando nas reflexões. As reflexões apontadas no momento das análises mostraram significações em cada etapa das oficinas, como foram seis etapas de oficinas apresentadas, então cada uma delas conseguiu trazer suas reflexões e perspectivas.

As reflexões e perspectivas, nos levaram a seis eixos temáticos, marcados fortemente pelas vivências de cada uma das crianças participantes. Os temas destacados nesses eixos foram: Amigos da escola; O que gostam na escola; Função da escola; Importância da escola; Reflexão sobre a Escola; A Escola e suas evidências. Essa leitura possibilitou interpretar as narrativas e abriu caminhos que mediarão os diálogos interpretativos referentes à visão social da escola.

A partir disso, observamos também a relevância Escola da Roça dentro do contexto de um lugar no qual se expressam o valor cultural na construção de saberes. Esse ambiente disponibiliza aprendizagens que expressam na vida e nos valores, conhecimentos múltiplos que traz ao diálogo as culturas globais. A escola desenvolve papel de ensinar e aprender, buscam a leitura e a escrita para se inserir no meio social afirmando que através dessa aprendizagem proposta por ela, os sujeitos tenham um futuro melhor com as ressignificações.

As crianças apontaram também que a escola modifica o meio, provoca no espaço, local na região contribuições, mudanças que transformam o ambiente e principalmente as pessoas. Aquele lugar no meio da roça a escola contribui para o desenvolvimento social e pessoal de todos. Esta visão não é apenas voltada à aprendizagem, mas sim às trocas de saberes e conhecimentos práticas que vão além de paredes, ou papéis. São contribuições de todos do local que se evoluem em perspectivas da construção de valores e ideias.

A escrita deste trabalho exigiu uma escuta sensível frente às curtas narrativas das crianças, porém, densas de sentidos (Passeggi, 2014). Cada olhar, cada gesto, cada palavra dita ou silenciada, estava carregando um universo de possibilidades de interpretações. Nos momentos das análises, tentamos olhar com os olhos das crianças buscado compreender na sutileza de suas palavras, a grandeza do que elas traziam. Isso nos possibilitou reconhecê-las como “ser pleno de experiências e de potencialidades para refletir sobre elas; como um ser capaz de lembrar, refletir,

dialogar e de projetar sua ação no mundo, respeitando seus modos de dizer e de ser” (Passeggi, 2014, p. 145-146).

ESCUTANDO ALUNOS(AS) EM TEMPO INTEGRAL

As narrativas (auto)biográficas são capazes de produzirem conhecimento significativo que possa remodelar a própria vida no próprio processo de construção da narrativa. Nessa perspectiva, a pesquisa de Orizeni Vaz Martins (2020) objetivou compreender o Tempo Integral na perspectiva de alunos do Ensino Médio, na rede estadual no Município de Catalão-GO ao utilizar as entrevistas e as narrativas dos alunos. Tratava-se de questionar: Qual a percepção dos alunos do Ensino Médio em relação ao Tempo Integral?

Para encontrarmos nossos participantes, foi utilizado um questionário/diagnóstico para identificar quais alunos da 3ª série do ensino médio que ingressaram no colégio CEPI – Polivalente Dr. Tharsis Campos, em Catalão-GO, que vivenciaram/experenciaram o processo e a pós-implantação do Programa Novo Futuro – Ensino Médio em Período Integral. Em um segundo momento foram realizadas entrevistas, produzindo as narrativas desta investigação.

Sabemos que as inúmeras pesquisas realizadas e publicadas pelo Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), desde 2004, tendo a Profª. Drª Maria Helena Menna Abraão como organizadora inicial, fizeram a Pesquisa (Auto)Biográfica tomar as proporções que hoje podemos contemplar no Brasil com a realização do X CIPA. A metodologia das narrativas (Auto)biográfica está se assentando e tomando espaço com o advento da Modernidade. Conforme os autores Neves, Amorim e Frison (2020), a modernidade incide sobre o humano, fragmenta-o e o consagra como sujeito epistêmico ao mesmo tempo em que o nega como sujeito empírico. “De um lado, a razão, a lógica, a medida e o cálculo acompanharam o sujeito epistêmico; de outro, lançado na diáspora do conhecimento, o sujeito empírico e seus delírios, emoções, desmedidas e sonhos” (Neves; Amorim; Frison, 2020, p. 33). Assim, este humano se tornou mais complexo, ou seja, ao mesmo tempo singular e plural.

Desse modo, o pesquisador ao utilizar as narrativas como metodologia de pesquisa deve ter acuidade nos múltiplos olhares. As narrativas estão aí a todo instante, depende do nosso olhar. Assim, ao utilizar as narrativas como metodologia de pesquisa, o pesquisador deve ser perspicaz e atento a múltiplas perspectivas.

Nesta pesquisa, uma das bases para a realização das entrevistas foi a afirmativa de Muijlaert et al. (2014, p. 193): “as entrevistas e as narrativas permitem o aprofundamento das

investigações, combinando a história de vida com o contexto sócio-histórico e as experiências vividas”. Nesse sentido, utilizamos as narrativas dos alunos como elementos cruciais para refletir e compreender os sentidos e significados do conhecimento que construíram durante sua formação acadêmica, bem como a visão que adquiriram sobre o Tempo Integral a partir da experiência no colégio com a proposta de Ensino Médio em Período Integral.

O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração. Nesse entendimento, os jovens alunos do CEPI, ao expressarem suas narrativas, vão se valer dos momentos vividos e experienciados durante os três anos de Ensino Médio, em Período Integral. Eles narram suas vivências/experiências do processo de aplicabilidade do Programa Novo Futuro, no que tange à significação, à concepção formada por eles sobre o Tempo Integral. Isso nos dá o alcance do nosso objetivo de compreender o Tempo Integral na perspectiva de alunos do Ensino Médio, uma vez que “a metodologia (Auto)biográfica reforça a ideia de que os jovens alunos estão em movimento” (Prette, 2017, p. 23).

Para a compreensão das narrativas, alguns encaminhamentos se deram em etapas com propósito específico, desde uma leitura geral até o levantamento dos grupos de ideias. O primeiro grupo de ideias foram definido duas Dimensões: Autonomia e Normas. Mediante essas dimensões, elencamos outros grupos de ideias, esses grupos (segundo grupo) foram nomeados de Forças Narrativas, e, a partir deles, elencamos mais outro grupo de ideias (terceiro grupo), que denominamos de Ênfases Narrativas. A partir de cada termo, de cada grupo procuramos refletir sobre as narrativas dos alunos participantes, as suas concepções sobre o Tempo Integral, e buscamos cruzá-las com a fundamentação conceitual de autores que pudessem fazer essa discussão e com a proposta do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação - ICE/Ginásio Pernambucano - GP/Superintendência dos Centros de Ensino em Período Integral - SUCEPI-GO, para chegarmos a possíveis respostas e/ou resultados da pesquisa em questão.

No percurso do Mestrado, além da pesquisa realizada, ressaltamos a oportunidade de conhecer pessoas, as amizades, os laços que foram sendo criados com os participantes, entre pesquisadora e os professores, assim como com a Orientadora, os Congressos, as leituras realizadas, as escritas dos artigos.

OS SENTIDOS DA PESQUISA NA VIDA E NO MESTRADO

Com a pesquisa “Sentidos de infância e(m) risco experiências e memórias de professores(as)” (Braz, 2020), primou-se pela escuta: saber o que há de diferente, os argumentos,

os embasamentos, as crenças e o que podia apre(e)nder. Neste ponto, a metodologia das Narrativas (Auto)biográficas apresentou uma mescla entre os tempos do pesquisador (de si e do outro). Desse modo, perguntas pairaram durante este percurso: o que envolvia este entrelaçamento, encontro, esta escuta? - o que há nesta interseção de conhecimentos que provoca uma imersão em processos constitutivos próprios? Estes questionamentos relembram *A conquista da América – a questão do outro*, Todorov (1996), em que somos sempre o estrangeiro do outro e de nós mesmos num encontro, na teoria e na prática.

Se antes, o delineamento da ciência exigia de forma apriorística os desembaraços entre os fios do pesquisador e do objeto para tramar os conceitos científicos; agora expõe como ferramenta os embaraços evocados pelo objeto **no** pesquisador. Talvez esta tenha sido a grande desconstrução no meu processo de formação, compreender as possibilidades de trabalhar metodologicamente com este laço. Neste sentido, vislumbrei uma correspondência com fenômenos/conceitos de teorias psicológicas (minha área de formação) ora denominados de contratransferência, ora de ressonância – presumindo-se, grosso modo, uma vibração-relação estabelecida entre os sujeitos que faz emergir uma terceira via que possibilita a intervenção. Por simples que possa parecer à primeira vista; torna-se complexo pois exige do pesquisador um primeiro e significativo olhar *a si (no mundo)* e, ainda um longo olhar compreensivo *ao outro (no mundo)*.

Ora, em tempos sorvidos, escoados pelo *Outro* da imagem ostentada, globalizada, referente do desejo, o olhar para si se perde em admiração ao ideal proposto e, o olhar ao outro divaga por tantos lugares quantos não se consiga vê-lo em sua dimensão. Talvez seja este o ponto; a narrativa (auto)biográfica suscitou este (des)embaraço de um olhar atento, mas antes provocou um re-conhecer, uma busca e encontro de *lugar de fala* – formação no, com o mundo.

Dito sobre o encontro com a perspectiva das narrativas (auto)biográficas enquanto metodologia, uma compreensão da organização discursiva das experiências e sentidos atribuídos pelo indivíduo. Assim, esta pesquisa – Sentidos De Infância e(m) Risco: Experiências e Memórias de Professoras – buscou compreender como professoras do Ensino Fundamental significam, a partir de suas experiências, os riscos à infância. A pesquisa ancorou-se nos autores Abrahão (2003, 2018), Bolívar (2002), Clandinin e Connelly (2011), Delory-Momberger, Ulrick Beck (2016), Anthony Giddens (1991, 2002), aliando-se, ainda, aos estudos foucaultianos que versam sobre o governo da infância (Augusto, 2015).

Tratou-se, pois, de subjetivar e objetivar as narrativas de três professoras da rede municipal de Caldas Novas a partir de seus constructos perceptivos quanto aos elementos risco

e infância a partir de suas próprias experiências infantis. Visto que, a instituição escolar tem, contemporaneamente, ocupado lugar social (e imaginário) central, dividindo com a família as incumbências de formação, de inserção de cidadãos no mundo social e, ainda, de propagação das políticas públicas para a infância.

A escola passou a ter um papel mais abrangente, deixando de ser apenas um espaço voltado ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, regulado por pedagogos e psicólogos, para se transformar em um ambiente integrado à vida comunitária. Além de conhecimentos e disciplina, o espaço escolar se tornou um ponto de encontro para as atividades do bairro e da comunidade, promovendo convivência, lazer e decisões coletivas (Resende, 2015).

E, além disso, de maneira ampla e crítica, pois a Educação reflete sobre a vida, que é caracterizada por complexidades, aspirações, sonhos. Ou seja, para Schmidt (2009), apoiado nesta concepção deweyana, a Educação transcende o espaço utilitário de cooptação do sujeito para vida social na qual os valores estão aprioristicamente definidos; a vê como “reconstrução e reorganização da experiência, visando aumentar a consciência dos vínculos entre as atividades presentes, passadas e futuras ampliando a capacidade dos indivíduos para dirigir o curso da experiência futura” (Schmidt, 2009, p. 137).

Neste sentido, as narrativas (auto)biográficas convergem e constituem-se um terceiro tempo histórico (Ricoeur, 1977), pessoal, que traduz-se na elaboração feita pelo sujeito, incluindo-se as construções simbólicas, (re)significações de experiências e, que no limite, podem ser ferramentas para acessar a subjetividade humana e sua complexidade, dito de outra forma, “o tempo histórico tanto como organização da vida coletiva, efetiva, como conhecimento reconstruído da vida passada, representaria um terceiro tempo, um mediador” (Reis, 1996, p. 234).

As professoras-narradoras em sua maioria chegaram prontas para falar de suas experiências enquanto docentes. Trouxeram as narrativas sobre risco, inicialmente, para o campo de sua autoridade – suas experiências enquanto docentes: percepções do outro (aluno); ou seja, não enquanto o que se desdobraria em sequência: as percepções de si – sujeitos de suas histórias infantis. E neste sentido, o roteiro serviu ao seu propósito, isto é, nortear a entrevista. Ao ser aplicado circunscrevia a temática a partir das memórias da infância. Em outros momentos, as narrativas mergulharam distantes, transitaram entre as memórias e as considerações atualizadas de sentido ou silenciavam-se em respostas evasivas ou, ainda, perdiam-se nas periferias discursivas do tema.

Quanto aos resultados depreendidos pela análise das narrativas, na construção das dimensões, ratificou-se a naturalização das experiências (de risco), legitimadas pelos sentidos e significados a partir das referências sócio-históricas do passado e do presente. A narrativa das professoras, hoje, ao rememorem suas experiências, por vezes, identificaram-nas em riscos, mas em grande parte da narrativa permaneceram imersas na alienação das expectativas ‘do viver na época’ de suas infâncias, nas quais os sentidos de risco não perpassavam as experiências infantis privadas, a exceção o risco de morte.

Assim, tecer uma trama de sentidos sobre riscos à infância com professoras atuantes no Ensino Fundamental resultou no apontamento de vivências de risco esmaecidas seja pelos sentidos sócio-históricos que permeavam as vivências à época de infância das professoras-narradoras, seja pela ressignificação dos papéis das figuras parentais, da mulher e da criança no momento presente. A pesquisa também evidenciou a vocação da Pesquisa Narrativa (Auto)biográfica no processo formativo de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de iniciar as pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFCAT foi marcada por desafios e descobertas. Uma orientadora explorando novos territórios em Goiás e três orientandas desbravando, aprendendo e construindo formas de fazer pesquisa com a Abordagem (Auto)Biográfica.

Nossa escuta sensível e acolhedora conseguiu superar as dúvidas e inseguranças. Cada um dos três projetos deu início a formas colaborativas e solidárias de estudar e pesquisar, onde cada obstáculo superado nos motivava a seguir em frente. As pesquisas foram concluídas com êxito, conferindo às orientandas o título de mestre e à orientadora a satisfação de testemunhar o crescimento, amadurecimento e florescimento de suas primeiras orientandas.

O percurso do mestrado é rápido e intenso; em dois anos, é necessário planejar, executar e apresentar a dissertação final, além de cumprir uma agenda repleta de aulas, seminários, eventos acadêmicos, estágio docência e outras atividades que a imersão em um programa de pós-graduação em uma universidade federal proporciona. Para a orientadora, acompanhar o progresso das orientandas e vê-las concluir suas pesquisas é um desafio constante, renovado a cada nova turma, e a trajetória das autoras contribuiu significativamente para fortalecer a Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica, mantendo vivo o compromisso com novos projetos e desafios.

O processo de abrir caminhos, produzir narrativas e pesquisar “com” — navegando na incerteza e na contradição — foi uma aprendizagem profunda vivida por todas as autoras. Cada uma, com sua pesquisa e experiência única, manteve-se unida no propósito de continuar pesquisando seres humanos — crianças, jovens, adultos, homens ou mulheres. A possibilidade de ouvir, aprender e ressignificar nossas lembranças, pensamentos e atitudes tornou-se, sem dúvida, o maior e mais valioso resultado desse percurso.

Adicionalmente, o impacto dessas pesquisas se estendeu além do âmbito acadêmico. A convivência intensa e o constante diálogo entre orientadora e orientandas consolidaram uma rede de apoio e crescimento mútuo que ultrapassou as barreiras do tempo e do espaço. Esse ambiente colaborativo não apenas contribuiu para a conclusão das dissertações, mas também fomentou um compromisso duradouro com a Pesquisa (Auto)Biográfica, que continuará a orientar novas gerações de pesquisadores. Como bem destacou Júlia Cristina de Almeida Braz em sua dissertação: "Na busca por lucidez, em tempos atuais, torna-se premente inquietar-se, não com intuito utilitário de atingir e propagar resultados sólidos, mas (antes) de desfazer o solo aparentemente tenaz que tocamos com as certezas inventadas" (Braz, 2020, p. 12).

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, RS, v. 7, n. 14, 2003.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; MAFFIOLETTI; BASSO, Fabiane Puntel (org.). **A Nova Aventura (Auto)Biográfica - Tomo III**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

AUGUSTO, A. Governando crianças e jovens: escola, drogas e violências. In: FOUCAULT, M. **O governo da infância**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

BARBOSA, Márcia Gizella Nunes. **As percepções de uma escola da roça**: narrativas de crianças. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

BECK, U. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo, SP: Editora 34, 2016.

BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, México, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em <https://www.scielo.org.mx/pdf/redie/v4n1/v4n1a3.pdf> Acesso em 17 de julho de 2025.

BRAZ, Júlia Cristina de Almeida. **Sentidos de infância e(m) risco experiências e memórias de professores(as)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

CANDAU, Vera Maria; ZENAIDE, Maria Nazaré Tavares. **Oficinas Aprendendo E Ensinando Direitos Humanos**. João Pessoa: Programa Nacional De Direitos Humanos. Secretaria Da Segurança Pública Do Estado Da Paraíba. Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

CARRIJO, Valéria Landa Alfaiate. **Torna-te! O processo de subjetivação das juventudes negras a partir de suas trajetórias escolares**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em junho de 2018.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um recurso importante na pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, Brasil, v. 48, n. spe2, p. 184–199, 2014. DOI: 10.1590/s0080-623420140000800027. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103125>. Acesso em abril de 2018.

NEVES, J. G.; AMORIM, F. V.; FRISON, L. M. B. O conceito de formação na pesquisa (auto)biográfica: a complexidade como paradigma emergente e o método (auto)biográfico como síntese. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. e3129095, 2020. DOI: 10.14244/198271993129. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3129>. Acesso em julho de 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica In: MIGNOT, Ana Chrystina; PASSEGGI, Maria da Conceição; SAMPAIO, Carmem Sanches (orgs.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 133-148.

PRETTE, Jean. Narrativas (auto)biográficas de Jovens estudantes do Ensino Médio – Uma perspectiva de se conhecer o Currículo e seus processos de subjetivação. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL – HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE – UDESC, **Anais [...]**. Florianópolis – SC, 2017. Disponível em:

<https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/view/563/0>. Acesso em abril de 2018.

REIS, J. C. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e "Annales" – uma articulação possível. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 23, n. 73, p. 234, 1996. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/989/1428>. Acesso em julho de 2019.

RESENDE, H. (org.). **Michel Foucault: o governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

SCHMIDT, I. A. John Dewey e a Educação Para uma Sociedade Democrática. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 24, n. 82, p. 135–154, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2009.82.135-154. 2013. Disponível em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1016>. Acesso em julho de 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VAZ, Orizeni Martins. **Tempo Integral nas perspectivas de alunos do Ensino Médio**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.